

**As tecnologias de comunicação como *gramáticas*:
meio, conteúdo e mensagem na obra de Marshall McLuhan.***

Vinícius Andrade Pereira**

A obra mais importante de McLuhan, na opinião tanto de seus admiradores quanto dos seus opositores, é o livro *Understanding Media* que, lançado em 1964, completa 40 anos neste ano de 2004.¹ Com esta obra McLuhan estrutura um modo de explorar temáticas relacionadas às tecnologias de comunicação, que irá marcar definitivamente todo o seu trabalho, e que pode ser entendido como um jogo que alterna, continuamente, focos de observação, ora centrados em figuras, ora em fundos. Esta estratégia, quando reconhecida como metodologia de trabalho em McLuhan e, ainda, quando adotada e aplicada ao próprio autor, permite que se entreveja objetos paralelos que interessavam, tanto a McLuhan, quanto a todos que tenham como objetivos reflexões relacionadas às tecnologias de comunicação e da informação.

Um tema/objeto pode ser tomado como síntese e emblema, contudo, frente a diversidade de objetos investigados por McLuhan: trata-se da idéia de *meio*. O principal objetivo do presente texto é pensar alguns sentidos para a compreensão das idéias de *meio, conteúdo e mensagem* em McLuhan, particularmente, quando pensados na tensão de uma suposta oposição entre *meio e conteúdo* — oposição denunciada por alguns de seus críticos proveniente, em boa parte, de uma leitura apressada da máxima *o meio é a mensagem*.

* Trabalho enviado para o NP 08 – Tecnologias da Informação e da Comunicação, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom 2004.

** O autor é Doutor em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ; Professor Adjunto do Departamento de Teoria de Comunicação e do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação Social da UERJ; Pesquisador Associado do *McLuhan Program in Culture and Technology*, da Universidade de Toronto, Canadá.

¹ Para uma boa análise das posições de críticos favoráveis e contrários às proposições mcluhanianas, vide *Mc Luhan Pro & Com*; Rosenthal, R.(ed.), Funk & Wagnalls Pub., USA, 1967.

Aposta-se que o universo de reflexões aqui pretendido poderá ampliar o conjunto de instrumentos para o aprofundamento da compreensão acerca das características e dinâmicas das tecnologias de comunicação contemporâneas.

Trata-se, ainda, de um texto que ao retomar McLuhan presta-lhe uma homenagem no ano em que são comemoradas quatro décadas da sua obra principal, *Understanding Media*, reconhecendo a importância deste autor, ainda hoje, como um dos principais teóricos das mídias e das tecnologias da comunicação.

Meio

Os significados que McLuhan irá explorar para a palavra *meio* são muitos. A maioria destes significados são sentidos que a própria Língua Inglesa admite, muito próximos daqueles presentes na Língua Portuguesa.

Assim, os principais significados de *meio* em McLuhan podem variar ou mesmo aglutinar os seguintes sentidos: 1) como *maneira*, ou *modo*, *veículo* para a realização de diferentes operações; 2) daí o sentido que ganha, quando a operação em questão for a comunicação, de *veículo de comunicação*, que, por sua vez, se apresenta, praticamente, como sinônimo das diferentes *mídias* (*media*, plural de *medium*, em latim e em inglês): TV, rádio, cinema, jornais, revistas, etc; 3) como sinônimo de *extensões tecnológicas*, sentido que ganhou enorme divulgação no próprio *Understanding media*; 4) como *ambiente*, *substância envolvente*, no sentido em que se fala de *meio ambiente* — sem que isto signifique, necessariamente, *meio ambiente biológico*; 5) como sinônimo de *público*, oposto à idéia de *privado*, como explica McLuhan, em uma leitura muito peculiar da etimologia da palavra, quando fala da revolução que a imprensa vem causar no cotidiano dos homens *pós-Gutenberg*:

The word "medium" was Latin for "public". There not being any reading public before printing, men perhaps tended to think of readers at large as a kind of scattering of currency — a "medium" in that sense.²

² McLuhan, H.M., *apud* McLuhan, E. e Zingrone, F. *Essencial McLuhan*; p.272

Todos estes significados podem ser explorados dentro de diferentes contextos em McLuhan, quando fala ou escreve, não raramente produzindo ambigüidades significantes, como é típico no seu estilo não acadêmico.

Nos momentos finais da sua produção, entretanto, — na verdade apenas um ano antes da sua morte — McLuhan vai possibilitar através de um acontecimento prosaico a noção que parece ter querido privilegiar para a idéia de *meio*. Será aquela que parece ser uma das acepções mais complexas para o termo, que é como sinônimo de *extensões*, mas que, por sua vez, ganha aproximação com a idéia de uma *gramática*, de um *texto*.

Tal perspectiva se revela quando McLuhan, supostamente chateado com uma deturpação dos sentidos da palavra *meio*, apresentada em um artigo intitulado *The meaning of the message*, publicada no importante diário canadense *The Globe and Mail*, escreve aos responsáveis pela redação e publicação do referido artigo passando-lhes uma reprimenda e, ao mesmo tempo, procurando ser didático quanto ao sentido que se deveria dar ao termo:

The piece in your July 28 issue on "The meaning of the message" does not give the reader any idea of what I mean by a medium. Every medium or technology creates a service environment. Thus the motor car creates super-highways, suburbs, gas stations, etc. It is this environment of service and disservice which I call medium. Since this environment of services is a kind of "text", it has its own peculiar syntax and grammar. It is this medium which invades and reshapes every aspect of the social and psychic life of the users of the technology, regardless of what the car or radio or tv set is used for...³

McLuhan fala explicitamente que o *meio*, sendo tomado como uma *extensão tecnológica*, cria um *meio ambiente* que, por sua vez, funciona como um *texto*, com uma gramática própria. Ora, se um texto é possuidor de sua própria gramática, esse mesmo texto revela uma linguagem, sendo, pois, esta linguagem a matriz ordenadora do texto em questão. A linguagem é, pois, a ordem, a organização, a *forma* do texto. A idéia de a *forma* reger as tramas dos processos de significação é absolutamente determinante para se apreender esta acepção de *meio* em McLuhan.

O ponto fulcral aqui está na articulação entre as idéias de *forma* e de processos de produção de significados, ou, nos termos que tal articulação foi refletida por McLuhan entre *meio*, *mensagem* e *conteúdo*.

Meio X conteúdo

Boa parte dos críticos de McLuhan o rejeitaram a partir de um mal entendido em relação ao célebre aforismo, *o meio é a mensagem*, interpretando, a partir do mesmo, que McLuhan desprezava o *conteúdo* de um *meio* como *mensagem*.

Esta interpretação parecia ser confirmada a partir de frases soltas que McLuhan proferia de forma não sistemática, ao longo de conferências, textos avulsos, livros e entrevistas, quando buscava explicitar melhor a sua idéia de *meio* como sinônimo de *extensões tecnológicas* e, assim, chamar a atenção para a necessidade do reconhecimento de que a natureza e as dinâmicas das tecnologias de comunicação exigem sempre muito cuidado quanto analisadas em função dos efeitos que podem produzir na cultura como um todo, e nos indivíduos, em particular.

A intenção maior de McLuhan parecia ser, uma vez diante de reflexões acerca dos processos de comunicação através dos, então, novos meios eletrônicos, ampliar a discussão acerca das análises dos *conteúdos* das mensagens, adotando como eixo de orientação para os seus estudos uma investigação que tomasse o *meio* como um todo, entendendo-o como uma nova linguagem que *re-forma* toda a cultura.

Uma das passagens que serviu a interpretações que apontavam um suposto descaso de McLuhan pelo conteúdo das mensagens é a seguinte: "... the 'content' of a medium is like the juicy piece of meat carried by the burglar to distract the watchdog of the mind".⁴

Esta frase, que aparece no *Understanding Media*, seria uma variação mais concisa da mesma idéia já expressa em um manuscrito, datado de maio de 1961, onde escreveu: "...the content of a medium like the 'meaning' of a poem is the juicy piece of meat carried by the burglar to distract the housedog of the mind, and thus to let the poem do its work."⁵

³ Publicada no jornal canadense *The Globe and Mail, Weekend Magazine*, 22 de setembro de 1979. Arquivos do *McLuhan Program in Culture and Technology*, Universidade de Toronto, Canadá.

⁴ McLuhan, H.M., *Understanding Media: The extensions of man*; p. 32

⁵ McLuhan, H.M.; *Through the vanishing point*, manuscrito, não publicado, datado de 1.º de maio de 1961, p.1. Arquivos do *McLuhan Program in Culture and Technology*. Universidade de Toronto, Canadá. É possível que este manuscrito tenha servido como base para o livro, escrito junto com Harley Parker e publicado em 1968 com o título *Through the vanishing point: Space in Poetry and in Painting*. New York: Harper and Row.

Através desta versão de 1961 fica muito claro que a referência maior para a idéia que está propondo foram os estudos feitos por Havelock, acerca da psicologia do homem grego comum, na época da Grécia homérica, onde a poesia funcionava como uma poderosa mnemotécnica.

Através de estratégias tais como ritmo, aliteração, melodia, repetição, rimas e gestos, Havelock chama a atenção para um efeito maior produzido pelas récitas poéticas dentro das tradições orais gregas, que era menos o de trazer o significado da mensagem de forma clara do que garantir que as epopéias dos heróis pudessem ser memorizadas sem quaisquer questionamentos e, assim, passadas de geração à geração.

O que Havelock deixa claro com tais estudos é que os efeitos subjetivos que tal poesia promovia não estavam diretamente ligados ao conteúdo do poema, mas, à *forma*, à *linguagem* do poema como um todo. Isto seria entrevisto claramente, conforme Havelock, com a entrada da escrita em cena, quando ocorre uma transformação do psiquismo do homem grego promovida não tanto devido aos novos conteúdos que se apresentam a partir de então, mas, principalmente, devido à nova posição distanciada que cada pessoa poderá ocupar frente ao legado cultural, outrora expresso quase que exclusivamente através de um turbilhão rítmico de palavras oralizadas, que a tudo arrastava por onde passava.

É dentro desta perspectiva que Havelock irá chamar a atenção para o fato de que Platão, com a sua dialética, já representava este *novo homem* que nasce marcado pela individualidade, pela *Psyché*, se libertando dos efeitos mágicos aprisionantes da poesia oral, que enredava, através do conjunto de técnicas recitatórias e dramáticas, o espectador em uma espécie de estado de transe. Para Havelock, sem este estado de arrebatamento, de êxtase na qual a consciência se altera, o efeito do poema não realizar-se-ia, isto é, a sua memorização e aceitação plena como o corpo doutrinal e ideológico da sociedade grega.

Quando Havelock, a partir das críticas de Platão à poesia, escreve a respeito da psicologia que permeia a performance recitatória grega, note-se como destaca uma polarização entre *forma* e *efeitos psicológicos*, por um lado, e *conteúdo*, por outro, sem que tal polarização signifique, contudo, independência absoluta entre os elementos em questão:

... this surely is a clue to the reason why Plato, as he examines the ways of poets and poetry, seems so preoccupied with the conditions of the actual poetic performance before an audience;

to the degree that when he seeks to analyse the content of poetry it proves difficult to separate the issue of content from the psychological effects of reciting it and listening to it. What the poet was saying was in Plato's eyes important and maybe dangerous, but how he was saying it and manipulating it might seem even more important and more dangerous.⁶

O que Havelock acompanha e demonstra, então, é que a arte recitatória, lançando mão de uma série de recursos técnicos tais como ritmo, rimas, repetições, melodias e movimentos corpóreos em uma espécie de dança, produz uma espécie de transe hipnótico, não só no artista que recita, mas em toda a platéia, promovendo a inteira mobilização do sistema nervoso em um processo condicionante de memorização.⁷

A arte recitatória do grego pré-letrado funcionaria como um meio, uma gramática, uma linguagem, capaz de, mais do que explicitar conteúdos, promover intensos investimentos mentais e corpóreos, cujos efeitos serão alterações afetivas e cognitivas extremamente poderosas no que diz respeito à manutenção da coesão grupal e à manutenção de um corpo discursivo e doutrinal vivo e determinante da sociedade.

Foi este mesmo modelo de dinâmica que envolve na idéia de uma gramática os elementos *conteúdo*, *forma* e *efeitos* que McLuhan parece ter querido manter em observação quando vai investigar diferentes tecnologias de comunicação, da fala, passando pela escrita, até os meios eletrônicos.

Ao contrário do que parece ser uma desvalorização dos conteúdos de um meio, McLuhan, ciente da possibilidade de um meio promover efeitos que atuam de forma paralela ao conteúdo da mensagem, junto ao sistema nervoso, irá propor — tal qual fizera Platão quando empreendeu sua crítica contra a *mimesis* dissecando suas análises da forma e do conteúdo em dois planos distintos, porém, interdependentes — que o estudo do *conteúdo* de um *meio* pudesse ser ampliado.

Assim, propõe duas outras possibilidades para se entender o *conteúdo*. A primeira considerando que *o conteúdo de um meio é um outro meio*.

⁶ Havelock, E.; *Preface to Plato*; p.146

⁷ É neste sentido que Havelock observa quão combativo era Platão à poesia, pois a lia como arma poderosa que produzia uma espécie de sono permanente naqueles não possuidores do pensamento do tipo *filosófico*. Havelock ainda chama a atenção para a pertinência do termo *mimesis* escolhido por Platão quando analisa este jogo cênico entre orador e sua platéia, salientando o fato de não se tratar de uma mera imitação, o que pressupor-se-ia uma distinção entre um modelo e aqueles que o reproduzem. No caso, a *mimesis* deve ser tomada como uma ação em que a platéia não *imita*, mas, *ressoa*, *encena*, de forma absolutamente arrebata, junto com o artista, aquilo que está sendo transmitido. Cf em Havelock, *op. cit.*, particularmente, os capítulos 9 e 10, pp 145-193

... characteristic of all media,(...) the "content" of any medium is always another medium. The content of writing is speech, just as the written word is the content of print, and print is the content of the telegraph. If it is asked, "What is the content of speech?", it is necessary to say, "It is an actual process of thought, which is itself nonverbal".⁸

A segunda possibilidade de ampliar o sentido da idéia de *conteúdo* consiste na proposição que McLuhan faz de que o *conteúdo* de um meio, será, o próprio usuário, em última instância, o próprio homem.

The TV user is the content of TV. Everybody who exists within any manmade service environment experiences all the effects that he would undergo in any environment as such. Environments work us over and remake us. It is man who is the "content" of the "message" of the "media", which are extensions of himself...⁹

As duas possibilidades podem parecer contraditórias, podem confundir, afinal, o que é o conteúdo de um meio para McLuhan. Avançar-se-á, pois, com mais cautela neste ponto.

Conteúdo, significado e mensagem

A reflexão sobre o que é o conteúdo de um meio, em McLuhan, se é apresentada como um problema, isto diz respeito ao fato de, comumente, o *conteúdo* de um *meio* ser, sem questionamento, considerado como a *mensagem*, o *significado* que o meio porta.

A aproximação tão comum entre mensagem e significado, entretanto, não deve ser tão gratuita e imediata, pois, a recepção de uma mesma mensagem por diferentes sistemas não é garantia de mesmos significados.¹⁰

Hoje pode-se aceitar que a produção de significado poderia ser entendida como uma função emergente de um modelo de ordem típica de sistemas complexos. O significado, portanto, seria a propriedade de um sistema agregar sentido a uma dada *mensagem* —

⁸ McLuhan, H.M., *Understanding Media: The extensions of man*; p. 24

⁹ M. McLuhan, H.M. e Nevitt, B.; *Take Today: The Executive as Dropout*, pp. 89-90.

¹⁰ A idéia de sistema aplicada como alternativa à idéia de espécie deve-se como estratégia para enfatizar as hibridações de um organismo vivo com tecnologias. Para maiores considerações a respeito vide Pereira, V A Comunicação e Memória: Estendendo McLuhan; Tese de Doutorado ECO/UFRJ, 2002.

aquilo que é percebido ou imaginado por este mesmo sistema — rebatendo-a contra um conjunto de mensagens outras, disponibilizadas pela memória do referido sistema.¹¹

Cada sistema, porém, tratando-se de sistemas complexos, possui um conjunto mnemônico único — ainda que com uma série de *memórias comuns*, como é o caso, por exemplo, da mesma língua para um dado grupo social — o que permite que as gêneses de significados apresentem produtos semióticos distintos, mesmo diante de um *objeto* percebido de forma semelhante, por dois sistemas do mesmo tipo. Um bom exemplo seria uma mensagem eletrônica que chega simultaneamente para duas pessoas. A mensagem está escrita em japonês e apenas uma das duas pessoas domina a língua em questão. Assim, ambas as pessoas estão diante da mesma mensagem recebida, mas, produzindo significados absolutamente distintos.¹²

Se o significado não está amarrado diretamente à mensagem, mas, exige a participação da estrutura mnêmica e cognitiva do sistema que processa a mensagem recebida, a própria mensagem, da mesma maneira, não é garantia de univocidade para diferentes sistemas.

Desde Kant, ao menos, é sabido que perceber coisas no mundo não significa que as coisas percebidas são *o mundo*, a *coisa em si*, *Das Ding*. A percepção, marcada por determinações apriorísticas, tal como salientado pelo filósofo alemão, só pode ter acesso ao fenômeno e nunca ao *noumenon*.

Aquilo que um sistema como o humano observa *a olho nu* é bem diferente daquilo que um sistema tal como um morcego, ou como um sapo, observam. A princípio, cada sistema estaria preso, em termos perceptuais, aos limites cognitivos impostos pelos seus padrões etogramáticos. Assim, por exemplo, no caso da visão humana, nada que se apresente vibrando fora de uma certa faixa de comprimento de ondas específicos para os limites visuais humanos será visto. Os raios *gama* e *xis*, por exemplo, situando-se além dos limites em questão, não são vistos *a olho nu*.

¹¹ Para maiores considerações acerca das relações entre meio e memória, especialmente, na obra de McLuhan, ver Pereira, V A. Comunicação e Memória: Estendendo McLuhan; Tese de Doutorado ECO/UFRJ, 2002.

¹² A questão da mensagem estar separada das possibilidades significantes deve ser entendida como aquela mesma trabalhada por Charles Peirce acerca do caráter triádico de todo e qualquer signo. Conforme este autor, todo signo, sendo composto das porções *interpretante*, *representamen* e *objeto*, deixaria em aberto a significação, uma vez que os *interpretantes* sempre variam. Para uma revisão das idéias acerca do caráter triádico do signo, tal como proposto por Peirce, ver em Nöth, W., *Panorama da Semiótica: de Platão a Peirce*.

A novidade para os sistemas humanos, porém, está nos tipos de extensões(tecnológicas) que apresentam para superar seus padrões perceptivos originais. Através da produção contínua de tecnologia, o sistema humano supera-se, transformando-se ao mesmo tempo que transforma o seu meio, em um movimento contínuo de afetação mútua.

Assim, sempre se pode propor, conforme as possibilidades perceptuais trazidas por novos modelos de extensões, novos recortes para as informações que o mundo apresenta, constituindo — com recortes perceptuais distintos, com diferentes arranjos informacionais — diferentes *mensagens* do mundo.

Em sistemas complexos como o humano a emergência de novas mensagens está diretamente relacionada ao fato do sistema construir — e não de receber — novas mensagens, possibilitadas por uma nova gramática que se apresenta com uma nova extensão, uma nova tecnologia, um novo meio.

O consenso em torno da mensagem só é conquistado à medida em que cada tecnologia emergente funciona como uma linguagem que trata e condiciona o sistema a novos padrões cognitivos e perceptuais, exatamente como ocorreu com a poesia declamada na antiga Grécia. Por isso, um meio tal como a poesia oral grega ou a TV, sendo meios compatíveis com o sistema humano, impõem suas linguagens de tal forma que os sistemas envolvidos se tornam reprodutores das suas linguagens, respondendo de maneira mais ou menos homogênea na produção dos seus *recortes* perceptuais e na produção de mensagens.

Na perspectiva em que está sendo focada, então, a *mensagem* é tudo aquilo que é recortado, organizado, por um dado sistema dentro de um conjunto amplo de informações disponíveis. O *recorte*, o arranjo em questão, deve ser entendido como a aplicação de uma ordem, de uma organização, de uma gramática, que capta e dispõe as informações, produzindo mensagens. E uma vez que se tenha uma mensagem, é sobre ela que o sistema irá atuar, buscando produzir significações.

Uma tecnologia de comunicação, um meio, então, não possui conteúdos prévios a um sistema, seja como mensagens, seja como significações. Ele porta, como dito, apenas linguagens. Um meio, a princípio, não possui uma mensagem, visto que mensagem já implica o *recorte* produzido por um sistema que se submete a uma determinada linguagem, tomada como instrumento para efetivar o referido *recorte*.

Um meio, assim, fornece a ordem, a gramática que orienta os *recortes* informacionais possíveis para os usuários que venham dele fazer uso. É só no encontro com este usuário, com este sistema, no encontro das virtualidades do sistema e do próprio meio, que mensagens irão se formar.

Uma idéia aqui, que poderia parecer absolutamente estúpida, mas, que exemplifica claramente este ponto seria a de que uma gramática, tal como a contida em uma tv, por exemplo, não levaria à constituição das mesmas mensagens em humanos e em galinhas. Cada sistema só seria suscetível ao meio se garantidas as relações fundamentais entre as especificidades dos seu sistema e a linguagem em questão.

Os pontos fundamentais que não devem ser perdidos de vista em meio às reflexões que ora se processam é a idéia de que não pode haver mensagens sem: 1) uma gramática que se apresenta a partir das características de um dado meio; 2) sem um usuário/sistema que atualiza, revela, esta mesma gramática;

Deve-se lembrar que uma gramática não é uma entidade metafísica, que se transforma a si mesma. Uma gramática é uma tecnologia que só ganha movimento, utilidade, enfim, dinâmica, quando usada. Uma língua que não é praticada por ninguém é uma língua morta, sem evolução. Porém, para se poder usar uma linguagem é preciso entrar em negociação com a mesma, revelá-la, se submeter à mesma, aprendê-la, introjetá-la, ser alterado por ela e reproduzir a sua ordem. É neste sentido que se irá entender uma das *ampliações* proposta por McLuhan para a idéia de *conteúdo*, a de que o conteúdo de um meio, de uma gramática, é o usuário deste *meio*.

Por outro lado, *o conteúdo de um meio é um outro meio*. Um meio porta um outro meio no seu interior, como maneira de se apresentar e de se traduzir para um usuário. Há uma evolução do aprendizado gramatical, sem a qual não pode haver aprendizado algum. Então, quando a televisão se apropria do cinema, ela está se apropriando de um meio que é familiar a um sistema/usuário de uma geração específica, para poder, aos poucos, ser incorporada por este sistema/usuário, ser transformada e, assim, conquistar uma gramática com características específicas, de tal forma distanciadas do cinema que já será reconhecida como uma gramática própria, a da televisão. Esta nova linguagem, a da TV, já afetará de forma bem mais específica os sistemas/usuários de outras gerações.

Tal dinâmica ocorreria com todos os meios, com todas as linguagens, ou seja, só se pode aprender uma gramática pelas beiradas, pelos cantos, pelo minimamente já conhecido, contando com a linguagem preexistente. Não é isso que ocorre quando se aprende uma nova língua, por exemplo? Uma tradução, analogias e comparações permanentes entre a nova língua e aquela que já se sabe e domina?

Desse modo, ao dizer que o conteúdo da tv é o cinema, e que o conteúdo do cinema é a ópera, por exemplo, seria o mesmo que dizer: o conteúdo da tv é a apropriação da linguagem do cinema, que é a apropriação da linguagem da ópera, etc. Assim como poder-se-ia pensar que o conteúdo da Língua Portuguesa é uma apropriação do Latim e do Grego.

Trata-se, em todos os casos, de aproveitar aspectos de uma ordem, de uma gramática prévia, já estruturada em um dado sistema, promovendo, porém, algumas torções.

Observe-se que, em última instância, quem promove a alteração da linguagem em uma outra, é o sistema que a utiliza, os usuários, que, por sua vez, só podem ser transformados por este meio, porque inicialmente a linguagem deste meio foi traduzida em linguagens que lhes eram mais familiares. Trata-se de uma relação que exige uma representação que deveria recorrer à topologia matemática, mais especificamente à imagem já um pouco gasta mas, ainda eficaz, da banda de Möebius, para representar o jogo entre sistemas/usuários e meio: o meio oferece ao sistema/usuário a gramática, a ordem para a composição das mensagens, se utilizando de meios prévios, de gramáticas prévias. Este sistema/usuário atualiza a gramática proposta pelo meio e a transforma, transformando o meio, que transforma o sistema, novamente, continuamente em uma relação de reciprocidade e mútua afetação.

A mensagem para McLuhan, por fim, serão as metamorfoses que um sistema apresenta ao longo de todo o processo descrito de transformações contínuas. Ou seja, McLuhan irá considerar a *mensagem* o conjunto de características cognitivas e subjetivas que surgem no indivíduo, após a interação com um novo meio.

Dentro do tema ora tratado, parece que todo o esforço de McLuhan estava em tentar traduzir a forte intuição que tinha de que nos processos de comunicação, se as significações escapam com frequência, as mensagens estariam mais amarradas pelas gramáticas que os diferentes meios, nos encontros com o sistema humano, revelam. As mensagens, estando

amarradas, fixas, revelam-se como reflexos de uma gramática comum a um dado meio, chegando-se, assim, à famosa divisa: *o meio é a mensagem*.

O esforço, hoje, para aqueles que querem trabalhar com o instrumental oferecido por McLuhan vai na direção de entender como diferentes meios têm revelado diferentes gramáticas ao longo de uma história da evolução das mídias, a fim de se poder chegar a um melhor entendimento quanto às especificidades das mensagens produzidas por um novo meio: as tecnologias digitais. Eis mais um dos muitos percursos que ainda se mostram interessantes explorar tendo como guia o mestre de Toronto.

Referências Bibliográficas

HAVELOCK, Eric A. *Preface to Plato*. Cambridge, Massachusetts; London: The Belknap Press, Harvard University, 1963.

MCLUHAN, Eric e ZINGRONE, F. *Essential McLuhan*. Toronto: House of Anansi Press Lt, 1995.

MCLUHAN, H.M., *The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man*. Toronto: University of Toronto Press, 1962.

_____. *Understanding Media: The Extensions of Man*. New York: The New American Library, 1964.

- MCLUHAN, H.M. : ARTIGOS NÃO PUBLICADOS

_____. *Through the vanishing point*, manuscrito, datado de 1.º de maio de 1961, Arquivos do *McLuhan Program in Culture and Technology*. Universidade de Toronto, Canadá.

_____. e Nevitt, B.; *Take Today: The Executive as Dropout*. New York: Harcourt Brace Jovanovitch, 1972.

- MCLUHAN H.M. e Colaboradores:

_____.e Fiore, Q. *The Medium is the Massage: An Inventory of Effects*. New York: Bantam Books, 1967.

NÖTH, W. *Panorama da Semiótica: De Platão A Peirce*. São Paulo: Annablume, 1995. — (Coleção E ; 3)

PEREIRA, Vinícius A. *Comunicação e Memória: Estendendo McLuhan*, tese de doutoramento em Comunicação e Cultura apresentada à ECO/UFRJ, 2002.

ROSENTHAL, R.(ed.) *Mc Luhan Pro & Com*; Rosenthal, R.(ed.), USA: Funk & Wagmalls Pub.1967.